



Mauro Blankenheim

Publicitário
mauro@gpsinteligenciacriativa.com.br

Em plenos Estados Unidos, swish!

A virada liderada por Oscar Schmidt no jogo inesquecível contra os Estados Unidos se deu em território norte-americano. Não lembro se o ginásio estava cheio ou não. Devia estar. O jogo era uma final. A palavra pleno significa cheio, como em terraplenagem, mas adquiriu nos esportes outra conotação. Passou a ser usada quando o resultado provável não se realiza e o time de fora leva a taça ou o escore favorável.

Há uma teoria de que a então nova semântica do adjetivo teria se originado no “Maracanazo” da Copa de 50,

quando o Uruguai venceu o Brasil na final, o que se constituiu numa grande zebra, resultado bastante inesperado e frustrante para uma multidão de brasileiros em pleno Maracanã. Em 1979, o time que nunca perdeu derrotou o Vasco no Maracanã por 2 a zero, mas o estádio não estava completamente lotado. Quer dizer, pleno virou carimbo de resultado surpreendente na casa do adversário local. Crime fora de casa.

Oscar se tornou ícone em Indianápolis, passou a ser respeitado pelos próprios jogadores americanos da modalidade e visto como um ser alienígena,

pois o Brasil era conhecido e reconhecido como terra de futebolistas. Mal sabiam eles da força que o atleta teve de fazer para se transformar em um cestinha endógeno com altura de craque, 2,05 metros e ambição de campeão.

Reza a lenda que durante a memorável virada, os globetrotters só ouviam a bola zunindo para dentro do aro: “swish”, como definem eles na onomatopeia do esporte, o ruído da bola tocando a redinha. Não posso garantir que foram só swishes, mas, ora bolas, o gol também vale quando antes bate na trave. Chuá!

Pastor luterano
marcos.ielb@gmail.com



Marcos Schmidt

Parecidos com Jesus ou o Diabo

Todos podem ser semelhantes a Jesus, mas não do jeito de Tiradentes. Se o novo governo republicano precisava de heróis, deveria permanecer no campo político. Ao associar o mártir inconfiante à imagem de Jesus, segui pelo caminho da confusão nesta mistura de religião com política. A verdade sobre Joaquim José da Silva Xavier, no entanto, não anula o seu heroísmo. Ficou três anos na prisão sem acusar qualquer companheiro, assumindo sozinho a “traição” contra Portugal no movimento pela independência do Brasil.

No aspecto religioso, o propósito da vida cristã é ser parecido com Jesus. Paulo diz que o cristão é um espelho da glória divina, uma glória que o torna cada vez mais “parecido com o Senhor” (2 Coríntios 3.18). Não uma semelhança física, até porque os Evangelhos não descrevem a fisionomia do Salvador. Mas uma semelhança espiritual que começa pela fé e que transforma. Na carta aos Filipenses, o apóstolo lembra para termos o mesmo modo de pensar de Jesus, que “abriu mão de tudo o que era seu e tomou a natureza de servo”. Ser parecido com Jesus é seguir

pelo caminho da humildade. “Que a vida de vocês seja dominada pelo amor”, ressalta aos Efésios, “assim como Cristo nos amou e deu a sua vida por nós”.

Como vemos, não é vantajoso no padrão humano ser parecido com Jesus. A vantagem é no aspecto da majestade, poder e glória, e, neste caso, o próprio Diabo sempre tentou ser Deus. Isto vemos em Isaías: “Subirei acima das nuvens mais altas e serei como o Deus Altíssimo”. Refere-se ao rei da Babilônia e prefigura às ambições de Satanás.

O mundo seria bem melhor se tivesse mais gente parecida com Jesus.

Advogada
advgabrielastreb@gmail.com



Gabriela Streb

Lugar comum

Anos atrás, fui a São Paulo por conta de um processo com a intenção de falar com a magistrada. Os gabinetes ficavam num corredor, e, na porta, a placa: “entre sem bater”. Abri a porta e saltou a secretária me barrando. Comentei sobre a intenção da conversa: “Vou ver se a magistrada lhe atende porque a senhora não está de traje forense. Está de calça jeans”. Fiquei em choque e hoje concordo. Ela fez uma exceção depois da minha choradeira, pois estava vindo lá do RS só para esta conversa.

No Tribunal de Justiça do RS, não

são permitidos bermuda e chinelo. Já vi magistrado mandar testemunha trocar de roupa, pois estava de bermuda de cotton e miniblusa. Boné, nem se fala.

Na última semana, um protesto de alunos da Universidade Federal em que estudante estava de corpete, decote e alças de soutien aparecendo, barriga à mostra e bermuda, reclamando das condições da universidade. Achei esquisita a reclamação frente à postura da locutora.

Ir na Igreja com camisa de time, 15 anos, usando tênis, formatura do di-

reito de bermuda, isso tudo passou a ser o lugar comum, e não é. Casamento exige tipo de roupa. Júri, exige beca cujas cores dos cordões identificam quem é quem.

Não me imagino ser atendida por um médico na UPA sem jaleco. Cozinha de um “xis” sem avental e dentista sem máscara.

Normalizamos atitudes e vestimentas com a desculpa da livre opinião e convicção, e isso não é normal. Cargos exigem liturgia que também pode ser chamada de respeito e educação. Não vamos confundir as coisas.



Márcio Lüders

Advogado
marcioluders@gmail.com

O preço da negligência

A água é um elemento essencial à vida, sua importância costuma ser percebida apenas quando algo sai do normal. Basta que surjam alterações no cheiro, no gosto ou na aparência para que a preocupação coletiva aflore. Antes disso, imperam o silêncio, a negligência e a falsa sensação de abundância.

O caso recente envolvendo a água com odor e sabor desagradáveis revela a realidade que há muito tempo deveria fazer parte do debate público: a condição do Rio dos Sinos. Pouco se fala, mas trata-se de um rio classificado como Classe 4, a pior categoria de qualidade de água doce segundo a legislação ambiental. Em termos técnicos, isso significa que suas águas não são destinadas ao abastecimento humano, nem mesmo após tratamento convencional.

E aqui reside uma contradição preocupante: dependemos de um recurso

hídrico que, em tese, sequer deveria ser utilizado para consumo. Ainda assim, não se observa uma mobilização efetiva, nem da sociedade, nem dos governos, para enfrentar o verdadeiro problema: a ausência de tratamento adequado de esgoto em toda a bacia hidrográfica.

Seguimos presos a um modelo reativo. Medidas paliativas são adotadas apenas quando a crise se torna visível, buscando soluções emergenciais para problemas pontuais, sem atacar a causa estrutural. Mas até quando o Rio dos Sinos vai suportar essa pressão?

É preciso compreender que o ser humano não está à margem do ecossistema, ele é parte dele. O desrespeito contínuo à natureza inevitavelmente cobra seu preço. Água com cheiro e gosto desagradáveis, embora incômoda, é apenas um sintoma, e, talvez, o menor dos problemas.



Angela Berthon

Jornalista
cristinaberton90@gmail.com

A sociedade e o autista

Abril é um mês alusivo ao Autismo, mas apesar do aumento significativo no número de diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Brasil (mais de 2,4 milhões de pessoas segundo dados de 2025), a sociedade brasileira ainda demonstra despreparo para lidar com a neurodiversidade. A inclusão, muitas vezes, é apenas documental, falhando no dia a dia, nos ambientes educacionais e de trabalho. A persistência de preconceito estrutural, aliado ao desconhecimento geral, transforma a vida de autistas e famílias em uma busca contínua por direitos básicos e acolhimento.

A discriminação que vê pessoas neurodivergentes como inferiores é nítida. Este preconceito se manifesta desde olhares desaprovedores em espaços públicos, diante de uma crise sensorial, até a recusa de matrículas em escolas re-

gulares. Crianças autistas sofrem algum tipo de preconceito no ambiente escolar. Não há como negar isto.

A falta de preparo das instituições não é apenas estrutural, mas comportamental. Além disso, a rede de apoio, fundamental para o desenvolvimento autista, é precária. Famílias enfrentam filas de espera para diagnóstico e tratamentos especializados. A ausência de políticas públicas efetivas ou a falta de execução das leis como o acompanhante especializado em aula mostra que inclusão está, muitas vezes, apenas no papel.

A verdadeira inclusão exige passar do conhecimento teórico para a convivência e empatia. Enquanto o TEA for tratado como tabu ou “incômodo” social, a sociedade continuará inapta a oferecer um ambiente acolhedor e justo para as pessoas com autismo.

Eu, fotógrafo

Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para vidareal@gruposinos.com.br

Flor na caminhada pelo bairro Pátria Nova, em Novo Hamburgo. É quase uma saudação e um prenúncio de que a vida é bela, de que tudo vai dar certo.

Ivo Rubi
Novo Hamburgo



Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente, o tamanho é de até 1.600 caracteres com espaço. Artigos podem ser enviados para opiniao@gruposinos.com.br.

